

PRESIDENTE

9m+1h 25m

Esplanada em frente à escola

HD- Isto começou por volta de 2003/2004 com a história daqueles livrinhos que saíram do Programa Aves, do Dr Alaiz, etc e comprámos para todos os departamentos...	OI
EU- Iniciativa de quem? Quem é que decidiu comprar o livro e distribuir aos Departamentos?	OI/
HD- Eu, mas com o apoio do Conselho Pedagógico. Sim senhora! E avançámos a criar assim uns instrumentos soltos, assim umas coisas, umas experiências...	CA
EU- Mas os resultados dos alunos já analisam há mais tempo...	CA
HD- Desde 2000/2001. Temos tudo até agora.	CA
EU- A escola tem uma equipa própria para esse trabalho...	
HD- Tem. Este ano era só um elemento. Ele recolhe os dados e no final de cada período faz o tratamento estatístico. Recolhe os dados das pautas e de umas folhas que pomos nos Conselhos de Turma. Ele vai recolhê-las e nas férias faz aquilo. Depois entrega no princípio do período e aquilo é devolvido a cada Departamento, com uns sinaizinhos naquilo que ele ACha anormal para os Departamentos levarem a Pedagógico, se houver coisas muito anormais, ou se não houver discutem-se nos Departamentos os problemas ...	CA
EU- Vai para os Departamentos e mesmo que não venha nenhum “feedbACK”, para ti o assunto fica tratado...	
HD- É, é! É um problema interno! Só nos casos anormais é que vai lá um sinalzinho a vermelho e deve vir uma pequena explicação ao Conselho Pedagógico do que é que se passa ali, porque às vezes até há justificações perfeitamente... Isto é normal por isto ou por aquilo. E pronto. É um processo normal.	CA
EU- Mas além disso dos alunos...	
HD- Sim, isto começou, a análise dos resultados há muito tempo; depois quando foi a história do Vitor Alaiz começou-se a tentar fazer documentação avulsa para a avaliação interna daqui, dAColá, dalém...	CA
EU- Quando dizes aqui, AColá, além, é em termos mais de serviços...	
HD- Sim. E auto-avaliação do aluno. Avaliação das ACTividades. Mas avulsa, porque não seguia propriamente uma linha condutora.	CA
EU- Tu entregavas isso a pessoas da tua confiança, digamos assim?	
HD- Sim. Do Conselho Pedagógico.	CA

EU- Sempre a partir do Conselho Pedagógico...	
HD- Sim. Eventualmente faziam parte das equipas outras pessoas, mas havia sempre alguém do Pedagógico. E pronto. Até que em dois mil e qualquer coisa...quatro ou cinco...a IGE saiu com aquele modelo da IGE – resultados, liderança...	IO
EU- Estás a falar do esquema da avaliação externa, não é?	
HD- ExACTamente. Então decidimos que em vez de ficarmos com este modelo, não digo do Vitor Alaiz, mas uma coisa do género, seguíamos o esquema da avaliação externa.	IO
EU- Portanto, a proposta formalizada para se avançar para uma coisa coerente e integrada és também tu que levas ao Pedagógico?	OI
HD- Sim, sim.	
EU- É que eu fiquei com a ideia que a ACção do Vitor Alaiz, que decorreu aqui na escola, promovida pelo Centro de Formação, tinha sido por iniciativa da Assembleia da Escola.	OI
HD- ??	?
EU- Ai é?	?
HD- No domínio 5, que eu mandei documentação... Tirando o domínio 5, ACho que não veio mais nada.	?
EU- Eu falava da iniciativa.	OI
HD- Não, resultava de conversas e a ACção foi um aparte...	OI
EU- Foi um pontapé de saída...	OI
HD- Foi, foi isso. Mas eu julgo que ficou ligada ao domínio 5...	OI
EU- Mas qual domínio 5?	OI
HD- São os domínios da avaliação externa! Os que estiveram na ACção eram do domínio 5... Mas isso foi mais fogo de vista que outra coisa!	IO
EU- Mas deste domínio da Liderança eu não tenho nada. Do que me disponibilizaste, dos relatórios, não vinha nada desta parte.	ID
HD- Só se foi um que me entregaram agora há pouco tempo. Eu sei que tinha dos quatro. Eu entreguei tudo a uma colega que irá ficar com isto –ACho que é a Helena. Não sei se mais alguém. Mas como ela agora também tem as candidaturas, não sei se é ela, se não é ela.	ID
EU- Olha, tu disseste “eu entreguei isto”. Em termos de futuro...	
HD- Entreguei isto na altura à Helena e ao Saraiva, mas o que tinha o Projecto Educativo e a Liderança... bem, eu agora já começo a ...	RSI

(Interrupção. Colega que passa.)	ID
HD- Então a partir de agora passei a pasta... Agreguei as coisas que tinha e o que ela eventualmente quiser mais...Ela, se for ela, porque eu não tenho a certeza!	
EU- Em termos de passagem de testemunho ao Director, esse não foi assim um tema destACado?	CG
HD- Não, não. Não tivemos propriamente sessão solene...Vamos conversando...agora isto, agora aquilo...	
EU- Mas essa questão não foi uma das discutidas...	CG
HD- Não, discutida, não! Ele também sabia, porque estava no Pedagógico. Todos os documentos que eu tenho estão nos elementos do Pedagógico. Todos! Eu muitas vezes digo não me lembro, mas os elementos do Pedagógico... Qualquer documento que dizia respeito ao Pedagógico era enviado imediatamente aos Coordenadores de Departamento, os tradicionais. Depois o que AChavam que era importante davam nos seus Departamentos. Portanto, só não sabe quem não quer, ou não leu.	CP
EU- Mas há aí falhas, porque de fACto nem todos parecem ter ACompanhado este processo...	CP
HD- ExACto, mas a sequência é assim- o departamento tem um coordenador a quem enviava...agora vai ser...com esta nova orgânica dos Pedagógicos, vai ser diferente...Agora não sei!	CP
EU- Então vamos lá! A iniciativa...	OI
HD- Talvez a Assembleia tenha... O Fonseca Andrade interessou-se um bocado...	
EU- Eu ia agora perguntar...Lembras-te que a seguir a esta ACção do Alaiz houve a formação, onde eu também estive, e havia uma equipa da escola a fazer essa formação. Mas depois, paralelamente, havia já esta equipa a trabalhar.	IF
HD- Dessa equipa da formação, os únicos que ficaram ligados um bocadinho foram o Z. A. , o F: A. e a L. R. ...	IF
EU- Não, essa só foi duas vezes...	IF
HD- O resto passou à história. E as pessoas efectivamente trabalharam...	IE/
EU- Quando tu convidas estas pessoas, o que te leva a escolher aquelas?	OL
HD- Normalmente sempre uma pessoa do Pedagógico.	IE
EU- Mas aqui nestas equipas não cheguei a perceber...	IE/
HD- A Ercília estava no Pedagógico e depois arranjei elementos que ou se voluntariem, ou que a pessoa que está à frente... o que está à frente, escolhe!	OL
EU- Mas os próprios elementos das equipas referem que não havia uma coordenação geral de todo o dispositivo...	IE

HD- Ouve! A partir de Janeiro de 2008, que saiu a Avaliação do Desempenho, isto foi por água abaixo! Houve uma descoordenação, uma falta de ligar a isto... Ou seja, a Avaliação do Desempenho matou o andamento disto! Pronto! Pura e simplesmente! Uma coisa que estava a nascer e a ser organizada, veio a Avaliação do Desempenho e matou tudo o resto.	CAD
EU- Este ano não se fez nada?	ID
HD- Fez, mas pouca coisa...	ID
EU- Eram as mesmas equipas?	IE
HD- Eram, menos os que se aposentaram. Mas desde que nasceu a avaliação do desempenho, em Janeiro de 2008, tudo o que era projecto interessante da escola virou de pantanas – ou não avançou ou avançou aos solavancos. Portanto a avaliação do desempenho matou o trabalho que...	CAD
EU- Mas isso porque houve mais trabalho, ou porque mudou a disposição das pessoas?	
HD- Da minha parte sim, eu deixei de pensar nisso, eu só estava enfiada naquilo...naquilo e na gestão normal. Tudo o que era deste tipo de coisas, nestes dois últimos anos, andou...É o que posso dizer! Andou aquilo que andou e o que não andou, não andou...	CAD
EU- E se não tivesse havido a ADD, para ti AChas que se teria avançado com isto e que teria sido importante...	II/ CAD
HD- Teria continuado...	II
EU- Mas o que vos leva a agarrar isto de uma avaliação interna?	
HD- Nada! Isto também não é coisa nova, não é? Isto já para aí há 10 anos que se falava nisto. Era exACTamente como uma auto-regulação nossa. Sempre teve esse objectivo, nunca teve objectivo nenhum de mais nada!	OJ
EU- Mas então por que vais buscar o modelo da avaliação externa?	
HD- ExACTamente! Por que vou buscar?... Primeiro não nasceu assim; andámos a estudar modelos...este, aquele e aqueloutro... Depois saiu aquele e a conclusão no Pedagógico foi muito simples – então se vamos ser avaliados segundo este modelo, então mais vale irmos por aqui!	IO
EU- Mas a ideia era, como dizias, auto-regularem-se...	IO/ CA
HD- Sempre foi essa! Por isso é que não interessava nada analisar exaustivamente, no Conselho Pedagógico, aquelas estatísticas todas dos resultados! Estavam ali os resultados por turmas, ou por anos...seja o que for! E portanto, cada um tinha ali meios para avaliar; desde que as pessoas fizessem elas auto-regulavam-se.	
EU- Mas a partir do modelo da avaliação externa, as equipas trabalharam sozinhas, autonomamente...	IE
HD- Sim...	
EU- Então, por exemplo a questão dos indicadores escolhidos chegaram a ser discutidos no	OL

Pedagógico antes de integrarem os questionários?	
HD- Sim, eram apresentados no Pedagógico, mas sempre por mail. Eu uso muito o mail. Todos os documentos vão por mail. Corrige-se, alguém sugere ou ninguém sugere nada.	OL
EU- E depois no Pedagógico trata-se só de legitimar, é?	CG/
HD- Sim, sim...Porque no Pedagógico é tudo coisas que as pessoas lêem antes, excepto se houver propostas de alteração. Esse é o funcionamento normal do Pedagógico. Portanto, quem quer...	OL
EU- Lembras-te deste domínio 3, o da organização e gestão...O que aparece nos relatórios é especificamente dirigido ao Conselho Pedagógico...	ID/ RA
HD- Isso deu uma celeuma, porque a A., na altura, já não me lembro porquê, mas a A. zangou-se muito!	RA/
EU- Quem é a A.?	ID
HD- A psicóloga. Zangou-se muito, mas já não me lembro porquê.	
EU- Mas a minha questão era por que só pegaram no Pedagógico...	
HD- Porque não houve tempo.	ID
EU- Pois, porque não houve tempo. Então e o Pedagógico olhou para aqueles indicadores e disse que sim? Antes dos questionários?	II
HD- Já não me lembro...	II
EU- Então e o relatório? Já agora fala-me do relatório...	
HD- É que já não me recordo...A A...lembro-me de uma discussão qualquer... A GMD foi lá apresentar e houve uma discussão qualquer, mas sabes que eu...	RA
EU- A Graça foi apresentar o relatório ao Pedagógico?	RA
HD- Foi, foi...E houve qualquer coisa lá que a Anabela não gostou...Mas se queres que te diga também não me lembro o quê... Para mim não tem importância...	
EU- Ok, não tem importância...Então já percebi que era o Pedagógico que ia Acompanhando, mas eras tu também que fazias esse Acompanhamento, porque as pessoas disseram isso nas entrevistas... O tal elemento coordenador que eu não encontrei na equipa, percebi que eras tu a fazer esse papel, era?	IE
HD- Não, não...As pessoas eram autónomas a trabalhar. Conversávamos muitas vezes, mas não era o coordenador de quem vai ... As equipas foram formadas, iam-me mostrando o que iam fazendo...tudo bem, vamos para a frente...toca a andar! Quando são pessoas responsáveis eu não ando aqui a controlar. As pessoas foram fazendo, e foram fazendo um bom trabalho até Janeiro de 2008...	IE
	RD

EU- Então, mas esses resultados... um dos relatórios tem setenta e tal páginas...	
HD- O do domínio 2, sim.	RD
EU- Então foi tudo divulgado a toda a gente?	RD
HD- Toda a gente! Toda a gente tem os documentos todos!	
EU- Como explicas que haja tanta gente a dizer que não lhe chegou? Colegas, pais, alunos...	
HD- Boa pergunta! A resposta é a cadeia. A cadeia começava em mim. Eu enviava para toda a gente antes de cada Pedagógico; portanto toda a gente tinha a informação atempada, pelo menos aí uma semana antes...Estão agendados e programados, já não digo anualmente, mas por trimestre. O regulamento era na 3ª quarta-feira de cada mês; às vezes faziam-se ajustes, mas por regra... Toda a gente sabia. E eu sei que havia extremos. Havia coordenadores que não enviavam a ninguém; havia coordenadores que seleccionavam o que mandavam e havia coordenadores que mandavam tudo indiscriminadamente. Portanto, para mim, a avaliação, eu sei que se passavam as 3 situações. E depois chega aos elementos dos departamentos, que o coordenador tem os mails de todos e a partir desse instante...muitas pessoas se calhar também não leram. Tu tens aqui a cadeia. A cadeia existia...	CG/ RD
EU- Mas o desperdício que vai Acontecendo...	
HD- Ninguém é capaz de controlar isso! Este ano tentámos fazer uma coisa diferente, que foi criar emails institucionais para toda a gente, ou seja, o Conselho Executivo podia mandar emails institucionais para todos. Criámos para todos: esab.pt! E tínhamos uma mailing list. O Conselho Executivo podia mandar tudo para toda a gente! Mas AChámos que isto devia seguir a cadeia normal – ir para os coordenadores e eles enviarem. Chegámos à conclusão que...digamos 50% das pessoas aderiram, ou seja AActivaram o mail institucional. Parece-me que é por aí que se tem que ir! Este ano eu ia controlando se as pessoas AActivavam, se era usado ou não era usado. Mas muitos dos departamentos pediram para não o usar, para usar o sistema dos emails normais. Agora este ano não sei o que vão fazer... Mas a avaliação do desempenho cortou todo o tipo de ânimo, todo o tipo de organização que estava para trás e a partir desse momento só esporadicamente é que voltei a ligar.	CG  CAD
EU- Mas tu Acreditavas que podia levar a alguma coisa?	
HD- Acreditava. Mas feito assim, calmamente, sossegadamente, sem pressões, como outros projectos! Porque, quer dizer, os projectos que aqui há são feitos na base da quase boa-vontade. Do querer fazer... Os profissionais, as Novas Oportunidades, projectos europeus...são feitos por voluntariado... Mas a partir do instante em que as pessoas estão contrariadas, as coisas começam a andar para trás! Nestes dois últimos anos, as pessoas começaram a ficar cheias de coisas que não gostam, que não querem...Estão contrariadas e a partir daí a boa-vontade, ou tempo disponível ou a disposição... Portanto, eu digo-te: em Janeiro de 2008 a coisa que estava encaminhada, que estava organizada...mesmo os clubes, as aulas de substituição, isto e aquilo...isso tudo...	CG/ CAD
EU- As aulas de substituição também consumiram energias...	
HD- Tudo isso! É o que eu te digo, com este governo... As aulas de substituição também deram	

<p>muito trabalho e também eram avaliadas. Se queres saber como está a avaliação delas, nem sei! Éramos nós que as avaliávamos regularmente – como é que estava, se deixava material, se não deixava material...Tínhamos uma equipa de gestão delas e outra equipa de secretariado... era feita a contabilização...As coisas não estão é aqui encaixadas!</p> <p>EU- Claro! O que querias que fosse global não chegou a sê-lo porque também não deu tempo de desenvolver...</p>	CA
<p>HD- Não, a disposição das pessoas, a começar por mim e pelos outros membros de Executivo, toda a gente entrou num ritmo de contrariada. Pronto!</p> <p>EU- E agora? O que esperas disto?</p>	CAD
<p>HD- Não sei!...Em termos de aulas e alunos as coisas continuarão equivalentes, porque aqui ninguém pôs para segundo plano os alunos. A organização vai ser completamente diferente. Agora tudo depende das pessoas. É tão simples como isso! Se em termos de gestão, não em termos burocráticos, mas de relações humanas, correrem bem, tudo bem!</p>	CG
<p>EU- Pões a diferença nas relações humanas. Estiveste na gestão quantos anos?</p> <p>HD- Sete.</p>	CG
<p>EU- Dizes que com os alunos não há diferença, mas as coisas não se podem separar assim completamente...</p>	CQ
<p>HD- Não. Mas em tudo o que diz respeito a alunos, tirando aquela estupidez do Estatuto do Aluno, aquela “absurdidade”, tirando isso, ninguém pensou e ninguém se queixou de uma descida de nível...Houve uma estabilidade. Até mesmo no número de alunos tem havido um ligeiro ACrécimo, ao contrário de muitas escolas onde tem diminuído...</p>	CQ
<p>EU- O que para ti é um indicador de qualidade...</p>	CQ
<p>HD- É. É o primeiro indicador. Se as pessoas procuram a escola, é porque a escola tem uma oferta suficientemente boa para atrair as pessoas.</p>	CQ
<p>EU- Sim, e nessa oferta o que faz a diferença desta escola?</p>	CQ
<p>HD- Eu penso que é uma escola, onde a maior parte das pessoas se sente bem – professores e alunos. Com exceções, como é evidente.</p>	CQ
<p>EU- Mas o sentir bem tens que ajudar com mais palavras... Bem em que sentido?</p>	CQ
<p>HD- Nas relações entre as pessoas.</p>	CQ
<p>EU- AChas que isso tem a ver com o tal controlo e pressão?... Já disseste que para ti com isso as pessoas não funcionam...</p>	CQ
<p>HD- Não. As pessoas chegam, são bem recebidas, as pessoas novas... Engraçado! Numa festita de fim de ano, uma colega que se vai embora, que vai para o norte... e depois estava outra que dizia o mesmo... “Quando entrei pela primeira vez na escola foste tu que me recebeste e recebeste-me</p>	CG

<p>muito bem! Fui ao Conselho Executivo e andaste-me a falar da escola...” O AColhimento. Este ano foi ao contrário. Há até gente que nem conheço. Moeram-me o juízo! Mas era normal recebermos bem as pessoas. Quando tinha tempo dava uma voltinha, mostrava, ou então chamava o coordenador de departamento...</p>	CG
<p>EU- Sabes que muitos alunos não sabem quem tu és? Nem sabiam se era homem ou mulher...</p>	
<p>HD- Ai é natural! Isso também tem a ver com o não andar a controlar. Eu não vou às salas! O que é que há no início do ano? Há a recepção aos novos alunos, do 10º só, e a partir daí são encaminhados hierarquicamente para a figura que está a seguir, que é o director de turma. E eles sabem que o seu elemento de contACto é o director de turma. Ir ao Executivo é a última linha! Numa escola com 60 alunos talvez seja possível – ir de sala a sala e dizer bom dia; outra coisa é numa escola destas! Existe o director de turma, o coordenador dos directores de turma, os coordenadores de departamento...O conselho Executivo é o último reduto!</p>	CG
<p>EU- Claro! E isso assenta no que já disseste – a questão da confiança; não haver controlo e confiar-se nas pessoas e no profissionalismo delas. Mas a regulação põe-se muito no prevenir que haja exageros...</p>	CA
<p>HD- Sempre que há exageros, o normal é que isso chegue ao Conselho Executivo!</p>	CA
<p>EU- E tu confias que a escola como está organizada, dá para detectar essas coisas, para precaver os exageros?</p>	
<p>HD- Ouve! Os casos anormais chegam lá. Se não chegam, das duas uma: ou é porque as pessoas não quiseram ou resolveram antes sozinhos. Só lá chegam...E às vezes dá vontade de dizer: “Isso é da tua competência, por que não resolves tu?”</p>	CA
<p>EU- Temos então um dilema aqui neste ponto: a gente confia que os casos se resolvem, mas sempre numa perspectiva muito fechada, profissional, dos docentes, não é? Ou seja, os docentes é que fazem a regulação toda. E os outros? Os alunos, os pais...</p>	CP
<p>HD- Olha, os pais, não sei o que é que te diga!... Os pais são os primeiros..., e basta ver o que se passa com os representantes dos pais das turmas – faz-se a eleição e aparecem dois ou três e normalmente quando fica algum, fica contrariado... Ou seja não há pais interessados em fazer o ACompanhamento...Muitas turmas ficam sem representantes dos pais...</p>	CP
<p>EU- E os alunos? E a voz dos alunos?</p>	
<p>HD- Os alunos vão lá queixar-se e nós dizemos: “passa por escrito”. E pronto. Depois é analisado...faz-se o parecer; resolve-se ou não se resolve e entra-se em choque. È tão simples como isso!</p>	CP
<p>EU- Portanto, na tua opinião, também está coberto o processo...</p>	
<p>HD- Está! Agora há muitos que não chegam lá. Têm medo! E alguns chegam lá e dizem: “Isto já se passa há muito...”- “E então por que não vieste cá?” – “Ah, porque tenho medo!” Isso também! Há de tudo...</p>	CP



<p>EU- Então, já que estamos aqui nos extremos...</p>	<p>CG</p>
<p>HD- Os processos disciplinares, esses também seguem o procedimento normal. Há um grupo especializado na instauração de processos disciplinares – dois professores...</p>	<p>CG</p>
<p>EU- Mas foi criado formalmente?</p>	<p>CG</p>
<p>HD- Foi, há vários anos!</p>	
<p>EU- E o que é que a escola lhes dá como compensação?</p>	
<p>HD- Nada. É na componente não lectiva. Ou têm horas, ou deixam de fazer o que tinham. Este ano era o Z. A., o que é agora Director, e a E.. Portanto, sempre que os processos atingem determinado âmbito, que vão além da repreensão registada, de ACordo com o novo Estatuto, nós temos estes instrutores de processo. E todos os anos temos. Há o Gabinete do Aluno, onde a A. dá o seu apoio sempre que necessário, e portanto todos os processos são feitos por um grupo constituído para o efeito.</p>	<p>CG</p>
<p>EU- Têm um Gabinete do Aluno...</p>	<p>CE</p>
<p>HD- Temos! Temos um Gabinete que tem dois sectores - se bem que não trabalhem propriamente em conjunto, fazem parte da mesma estrutura – o Gabinete do Aluno para a saúde e o Gabinete do Aluno para assuntos disciplinares.</p>	<p>CE CE</p>
<p>EU- E na saúde quem é que tens “especializado”, digamos assim?</p>	
<p>HD- É a E. L.. É professora de biologia. E mais dois ou três professores, mas ela é especialista e faz formação por tudo o que é sítio. Nós temos formação para todas as turmas no âmbito da saúde... tabagismo, drogas, educação sexual...Corremos as turmas todas. Todas! O plano de ACTividades está todo coberto! A E. L. e a A., a psicóloga, vão-se dividindo e temos ACções...Às vezes fazemos ACções só para uma turma, quando a turma está a descambar em termos disciplinares e comportamentais; em termos de programação anual, há uma de educação para a saúde sobre vários domínios e que contempla as turmas todas. O Gabinete do Aluno, portanto, tem essa vertente e os elementos da parte disciplinar, que são sempre os mesmos, porque aquilo é muito chato e fazer a instrução de um processo disciplinar não é fácil. Desde há vários anos que temos uma equipa, que vai variando e que se vai especializando. Este ano já metemos mais uma pessoa, porque às vezes não chegam...E portanto isso é feito por pessoas que se vão especializando, vão estudando...E pronto, são eles, coitados, que ...</p>	<p>CE</p>
<p>EU- É preocupante a disciplina na escola?</p>	<p>CC</p>
<p>HD- É um bocadinho! Nada de grave... Tudo depende do que se entende por indisciplina. É mais em termos de comportamento dentro da sala de aula, mais talvez nos cursos profissionais ACTualmente, que muitos deles não têm aquela... o saber estar!...Mas dos outros também aparece! Portanto não é nada de pancadaria, fACa em punho...Não é nada disso! É mais a dificuldade de manter a ordem, o silêncio...Que depois vai diminuindo! Do 10º em diante vai diminuindo. Mas no 10º ano e com a variedade que temos...Nós temos profissionais, este ano tínhamos dois, que eram muito duros. E às vezes era preciso lá ir...</p>	<p>CC</p>

EU- Ias tu?	
HD- Não. Ia o M.. O M. é que era o responsável pelo sector dos alunos.	CG
EU- Por isso é que alguns alunos AChavam que ele era o Presidente!	CG
HD- Como tinha o sector dos alunos, é natural. Ele é que ia ralhar! E era ele que fazia as turmas, tratava das anulações de matrícula...Que também não se fazem anulações de matrícula de qualquer maneira. Há procedimentos de regulação daquilo. Um aluno, para anular a matrícula, primeiro tem que ter o parecer do director de turma e muitas vezes vai à psicóloga primeiro. E a psicóloga às vezes convence-os da asneira que estão a fazer; faz parte do Gabinete do Aluno.	CE
EU- Isso é interessante! Tens dados, por exemplo, para mostrar esse efeito dissuasor do abandono?	
HD- Talvez tivesse! Nós tínhamos, mas desde que apareceu a avaliação do desempenho...Eu tinha isso no computador...Agora já comecei a limpar, mas tinha! Quer dizer, há um procedimento – o aluno não chega à secretaria, entrega o papel e ACabou. Não senhora! Aquilo tem que ter o parecer da directora de turma, além do encarregado de educação dizer sim ou não e se o caso não é normal... Se o aluno já fez a cadeira e quer anular a matrícula, pronto! Mas o caso do aluno, por exemplo, que quer anular a meio do percurso, esse caso não passa assim. A secretaria envia para a secretária do M. e ele, ou chamava directamente ou chamava a psicóloga para falar com o aluno e explicar-lhe os prós e os contras do que estava a fazer. Isto é um procedimento normal, agora escrito!...	CA/ CAD
EU- Mas concordas que são dados importantes para a escola se orientar também! A regulação tem de partir de dados...	
HD- Mas a lei diz-te! O abandono foi muito trabalhado. Isto foi um esquema montado para diminuir o abandono. O abandono diminuiu muito! Agora se me dizes se isto está tudo muito formalmente escrito, eu diria que não! Ou talvez esteja!...	CA
EU- É só uma questão de procurar e de organizar a informação, não é?	
HD- É, é! O principal problema é esse – a organização da informação. Porque a montanha de coisas...	CA
EU- Mas este dispositivo também podia ACTuar por aí, não é?	
HD- E os procedimentos. Nós temos um conjunto de procedimentos e os procedimentos deveriam estar todos guardados, entre aspas, no sector dos procedimentos gerais. Mas está tudo solto...ali e AColá. Ou seja, eles são os mesmos, mas não há uma pasta que diga “procedimentos gerais” – para este, para aquele... É uma questão de organização...	CG
EU- E esse é um dos aspectos em que eu ACho que a auto-avaliação pode ajudar. Havendo necessidade de certos dados, as pessoas têm que se organizar para os ter.	
HD- É, é! E eu estou convencida que se não fosse a avaliação do desempenho – é uma boa desculpa, mas é boa mesmo! – nestes dois últimos anos, o trabalho que estava iniciado com cabeça, trono e membros, descambou! Perdeu-se! E há coisas caricatas! O Plano de ACTividades – do ano passado	II/

para este ano, as ACTividades realizadas cresceram...	CAD
EU- Cresceram? O número de ACTividades aumentou? Porquê?	CAD
HD- Exponencialmente! Porque todos os professores começaram a pensar que para a avaliação do desempenho era importante.	CAD
EU- Mas tu já viste a contradição que aí está? Por um lado a desmotivação, por outro o querer fazer?	
HD- É que aquilo conta para a avaliação do desempenho! Só ao fim é que se começou a ver. Agora que fizemos o balanço – o que é isto? Porque iam saindo as listas mensais das ACTividades programadas...No início do ano faz-se um plano de ACTividades e ao fim o professor tem que pôr realizada ou não realizada e há também a ficha de avaliação da ACTividade. E há também um grupo do Pedagógico – por ACaso este ano era só uma pessoa – que vai fazendo o controlo da realização de ACTividades. E ao fim faz-se um balanço, com gráficos...E aquilo está organizado por objectivos e por grupos...Objectivos tirados do Projecto Educativo...	CA
EU- Então as ACTividades são integradas em linhas do Projecto Educativo...	CA
HD- ExACTamente!	CA
EU- E são avaliadas pelos próprios promotores?	
HD- Sim, exACTo. Mas a ficha de avaliação é uma das coisas que tem que ser mudada, porque era a ficha de avaliação antiga e não se adequa bem...ou seja, tem que ser mudada!	CA
EU- Mas essa também é uma prática importante de auto-avaliação!	
HD- É o que eu te digo! Elas estão lá!	CA
EU- Elas estão lá, mas estão atomizadas, não é?	CA
HD- É um pouco isso. Não, eu tenho a avaliação do Plano de ACTividades – com gráficos, por grupos, por departamentos...	CA
EU- E fazem uma apreciação da qualidade...do desenvolvimento delas?	CA
HD- Não! É aí que eu ACho uma falha! Fazem uma avaliação do tipo correu bem, correu mal, mas isso é muito variável, porque são tantas...	CA
EU- O que AChas que se deveria reter nessa avaliação? Os tais indicadores de qualidade, não é?	
HD- Pois, mas as pessoas fazem aquilo a despAChar e outros nem entregam...	CA
EU- Mas aparece se houve adesão...	
HD- As adesões, normalmente, existem. Fazem-se muitas conferências interessantes, muitas palestras, muita coisa...	CQ
EU- Mas desculpa – na hora de construírem o Plano de ACTividades – tu dizes que só agora te deste	

conta – mas as propostas também são filtradas, ou não - ACEitas qualquer coisa?	CG
HD- Desde que se insira naquilo, ACEita-se. E podem ser inseridas ao longo do ano, vai é sempre ao Pedagógico. Se não está no Plano de ACTividades, no início do ano lectivo, mais ou menos, vai ao Pedagógico para ser aprovado, e é inserida no Plano de ACTividades. E de repente cresceu brutalmente!	CG
EU- Então tens aí uma vantagem da ADD!...	CAD
HD- Ah, a primeira parte já está feita! Eu já saí dessa!	CAD
EU- Olha – profissionais. Há pouco ligavas um bocado à indisciplina... Mas eu apercebi-me de que há aqui alguns dilemas na escola – por exemplo, entre os cursos profissionais e os outros, entre os professores dos profissionais e os outros... As pessoas falam muito disto, das duas escolas, da escola da frente e da escola de trás...	CE
HD- Isso já não existe...	CE
EU- Já não existe?	
HD- É uma das coisas que temos lutado muito por ACabar e uma das coisas foi até o projecto das obras. Ou seja, o projecto das obras foi feito de modo que houvesse uma integração da parte de lá – das oficinas, dos laboratórios, da parte mais prática - e da parte de cá, a parte mais teórica. Os profissionais, os tecnológicos estavam sempre do lado de lá. E essa é uma das coisas que a mim sempre me irritou, porque eu sou do lado de lá...	CE
EU- Pois és! És a senhora engenheira! E desculpa interromper, mas essa questão fica mesmo simbolicamente expressa na designação dos docentes da escola, porque uns são os engenheiros e os outros são os professores...	CE
HD- Pois, qualquer homem que entre aí de calças já é engenheiro! Isso os funcionários...	CE
EU- Mas são os funcionários que preservam essa distinção?	
HD- É que uma boa percentagem dos homens desta escola são engenheiros e portanto...	CE
EU- Isso explica a aposta nos profissionais, é?	
HD- Não é só isso, é a história da escola, ela nasceu assim! Nós não queremos mudar a filosofia da escola desde que nasceu...	CE
EU- Mas sabes que há um outro medo entre alguns docentes, que é a super-especialização nos profissionais, em detrimento da parte humanística...	CE
HD- É uma observação tola, porque nós temos sempre feito ao longo dos anos, já antes de mim, haver 50%.	CE
EU- Ai é? Têm essa bitola definida para vocês? Mas nunca ninguém me deu a entender isso...	CE
HD- Pois é! A nossa bitola é os 50%. Temos sempre isso mais ou menos.	CE

EU- Mas é implícito; não está escrito em lado nenhum...	
HD- Não! A nossa escola é diferente daquela! A Infanta não tem um profissional, nunca teve um tecnológico, ou se teve morreu...CEF's...nada! A nossa escola carACteriza-se, e é uma das primeiras coisas do Projecto Educativo, que é a diversidade da oferta formativa, ou seja, é um ponto básico, um ponto de honra, oferecer variedade, não digo tudo, mas para um grande leque de alunos.	CE
EU- Não têm precisamente humanísticos...	CE
HD- Não temos e nem sequer há procura para isso... Não há procura! Mesmo as outras escolas que têm, não têm clientes, porque a área de humanidades desceu... Nós temos o económico-social e mesmo esse tem uma turma, enquanto os outros têm 6 ou 7!	CE
EU- Mas têm também uma grande aposta nas Artes...Isso tem a ver com quê? Com os professores que têm disponíveis também?	CE
HD- Há anos em que os professores não têm...Agora melhorou muito, tem melhorado... Mas isso tem a ver com a formação dos professores, porque os professores mais antigos não tinham formação em programas de software adequados às Artes...E agora está a aparecer uma geração que já tem formação. Portanto, isso tem a ver com a parte de formação de professores, mas há uma grande geração que tem formação nas tecnologias informáticas e nos softwares específicos das Artes...Dantes era só o fazer... Mas não te esqueças que esta escola nasceu das Artes! Esta escola nasceu, a base dela em meados do séc. XIX, da Associação dos Artistas de (a cidade).	CE
EU- Ai é? Onde posso encontrar esses dados?	
HD- No Livro da Escola. Portanto nasceu como Associação dos Artistas de (a cidade)! Fundaram uma escola ali para A., ou coisa assim do estilo. Depois oficializou-se e passou a Escola de Desenho Industrial.	CE
(Interrupção de 3 minutos. Colega que passa)	
EU- Então já falámos de dois dilemas – a escola da frente, a escola de trás...	
HD- Mas isso é uma barreira...Porque há determinados professores que não gostam de dar os profissionais e por isto e por aquilo e tem sido uma luta...Então o tipo das obras...	CE
EU- Onde é que notas essa diferença de lógicas? No Pedagógico notas?	CE
HD- Não!	CE
EU- Então onde é que notas?	
HD- Mais às vezes nos directores de turma. Porque há pessoas que só querem dar aos bons, não querem dar aos mais fraquinhos...	CE
EU- A distribuição de serviço é feita como? Eu vir para esta escola e o ir parar a um profissional ou não depende de quê?	CG
HD- Nós fazemos regras para distribuição de serviço e as regras dizem que deve ser distribuído na	

devida conta – profissionais/não profissionais; noite/dia...Há os casos dos pelouros instituídos que é muito difícil mexer... O que às vezes Acontece é no final, porque nós temos sempre falta de professores até ao fim – em Setembro ainda havemos de ir arranjar professores...	CG
EU- Mas se dizes que há estabilidade na rede e no recrutamento de alunos, por que é que o quadro não é mais estável?	CG
HD- Porque nós temos... Por exemplo, este ano devemos ter sido a escola que mais professores pedimos...Mas temos aquela coisa sempre de antes das matrículas não sabermos como é que as coisas vão!...Portanto, pedimos aquilo que nos parece certo, mas também não queremos arriscar para depois cairmos no problema de termos horário zero...Nunca houve nesta escola – orgulho-me! E houve situações em que estiveram à beira, mas conseguimos reverter a situação, fazendo ver às pessoas que, com um bocado de esforço, podiam dar aquilo, em vez de dar aquilo, para nunca declarar um horário zero. Tem sido um ponto de honra e nunca tivemos.	CG
EU- Olha, e a questão do 3º ciclo?	CE
HD- O 3º ciclo é uma questão de capacidade... Eu até Acharia interessante ter 3º ciclo; os meus filhos todos fizeram aqui 7º, 8º e 9º. Era no tempo em que a escola chegou a ter quase 3000 alunos, os meus filhos tiveram aulas ao sábado, havia aulas ao sábado. Depois éramos a única escola com aulas ao sábado, então optou-se por não ter aulas ao sábado. E à medida que se cortou o sábado, teve de se ir cortando algures e também houve uma fase em que as secundárias eram só secundárias – deixámos todos de ter. Ora bem, essa fase...	CE
EU- Foi uma questão de política superior...	CE
HD- ExACTo.	CE
EU- Mas as secundárias gostaram de ficar só secundárias...	CE
HD- Sim, se bem que já o ano passado houve uma tentativa do carrossel delas voltarem a entrar...	CE
EU- Como a escolaridade obrigatória vai ser até ao 12º ano...	
HD- Será! Daqui até lá não me doa a minha cabeça... Tomara a eles que até ao 9º fosse posto em prática! Isso é paleio... Mas o ano passado pôs-se a questão do 3º ciclo ou no Infanta ou aqui. Tivemos aqui uma reunião na DREC e AChámos mais lógico que fosse no Infanta, porque eles não têm nenhum profissional. Portanto, entre uma escola que está de raiz e em termos de estruturas e equipamentos virada para os cursos técnicos, chamemos-lhes assim, e outra que não tem...Porque não há nenhuma escola em (a cidade) que tenha a variedade que nós temos... É lógico, em termos de racionalização de espaços e equipamentos, que tenha aquela e não tenha esta. Se me disseres assim: daqui a 2 anos temos mais espaço e há mais procura, há mais gente nos 7º, 8º e 9º...	CE
EU- Mas parece-me que as secundárias quererem o 3º ciclo é uma estratégia para assegurarem a sobrevivência, naquela “eles já cá estão, já não vão escolher outra!” Só que vocês não têm esse problema da procura...	CE
HD- Não! É o que te digo: do ano passado para este ano o número de alunos aumentou...	CE

<p>EU- E também têm que excluir... Os miúdos disseram isso...</p> <p>HD- Alguns. Nalgumas áreas, não é em todas.</p>	CE
<p>EU- Que não abriam turmas suficientes para todos os que se tinham matriculado.</p> <p>HD- Não podemos por causa da rede. A rede é assim e depois, às vezes, há aí negociações muito duras com outras escolas... Pronto. Há bocadinho perguntei como é que estão as matrículas – “Ah, estão bem, só não há na Construção Civil, no profissional, mas no Multimédia até estamos a ver que temos que abrir duas turmas”. Mas abrem duas como, se na rede só está uma? – “Ah, lançamos lá para verem que temos gente!” O problema é que temos candidatos! Para onde é que eles podem ir? Para sítios onde haja professores... 7º, 8º e 9º cabem em qualquer lado! Se me disserem que daqui a 2 ou 3 anos há aqui espaço, eu ACho lógico desde que haja população para repartir... Eu ACredito que daqui a uns anitos haja uma escola ou duas das de (a cidade) que fecha. É lógico! Para mim, a Sísifo, que está numa zona industrial e a JC, porque não tem condições.</p>	CE
<p>EU- Mas parece que há uma lógica de uniformizar mais. O Atena também está a ser solicitado para abrirem profissionais...</p>	CE
<p>HD- Não querem! E dizem que já fizeram uma tentativa de abrir e não tiveram alunos. Esses vêm para a Hefesto.</p>	CE
<p>EU- E para ti faz mais sentido esta lógica da “especialização” das escolas, como aqui estas duas... Foste buscar a Sísifo, mas essa apanha um público específico...</p>	CE
<p>HD- Mas o problema é que ninguém quer ir para a Sísifo; muitos vão obrigados. Os alunos não querem ir para tão longe, queixam-se dos transportes...É a escola onde eu vejo mais relutância quando temos que mandar alunos. Não tem nada a ver com os professores, penso eu, mas tem a ver com a localização. E a JC aquilo é um edifício que já foi da Hefesto, saiu de lá para vir para aqui, com uma estrutura interessante, mas para outra coisa!</p>	CE
<p>EU- Voltemos atrás à questão das qualidades da escola. Eu fico com a sensação de que de fACTo o ambiente é diferente...Quando se entra ali, mesmo fisicamente, o tal controlo que dizes não se vê. Os miúdos ACham isso uma das qualidades – o não terem cartões e o controlo de saídas e entradas, mas eu já vi que é uma das sugestões no relatório de avaliação interna...</p>	
<p>HD- Eu ACho que não e já lhes disse – a escola não é uma prisão. Eu sou perfeitamente contra isso. Até porque é uma fantochada. Nos sítios onde existe...Basta ir à QF, que têm um controlo e um porteiro, etc Então a maioria das pessoas saem e entram, vêm cá fora fumar o seu cigarro...não andam cada intervalo a picar o papel...Portanto aquilo é mais fogo de vista! Quando comprámos o sistema de cartões para as compras, podíamos ter adoptado também este sistema – mas para quê?</p>	CQ/ CE
<p>EU- Isso é unânime na escola?</p>	
<p>HD- Eu ACho que sim. Quem conhece é. Porque se alguém quiser entrar, AChas que é muito complicado saltar ali? Não adianta gastar dinheiro com coisas que são ilusão pura! Em toda a volta – agora com as obras, não sei... mas tínhamos meia dúzia de câmaras apontadas para as portas...</p>	CE

<p>EU- Ai é?</p>	
<p>HD- Já há vários anos. E depois é tudo gravado em cassetes. É um controlo de entradas e saídas para o caso de haver problemas. Quantas vezes houve aí um problema qualquer e chamámos a Escola Segura e a polícia leva a cassette.</p>	CE
<p>EU- ACHO que os miúdos não sabem, senão tinham referido isso...</p>	CE
<p>HD- Sabem alguns! Então elas vêm-se! Tínhamos uma rotativa do lado de lá, que a certa altura notámos que estavam a saltar do lado de lá para vender droga ou coisa equivalente...Pusemos uma rotativa virada lá para um banquinho e desapareceram de lá.</p>	CE
<p>EU- E quem é que tem a responsabilidade de verificar isso?</p>	
<p>HD- Aquilo está ligado ao gabinete da Chefe do pessoal auxiliar e a cassette é mudada todos os dias. Não há problema, ninguém vai ver... É gravada uma sobre a outra. Só serve se houver problema.</p>	CE
<p>EU- Portanto, a flexibilidade, o não controlo é uma das qualidades. Que outras mais vês nesta escola?</p>	
<p>HD- Olha, o haver um ambiente extraordinário entre os professores, e isso diminuiu, e é uma queixa enorme desde que se proibiu de fumar lá dentro. Havia aquela sala ali e iam para lá os fumadores e os não fumadores e era uma sala de convívio brutal. Com a proibição de fumar e aquela sala deixou de ser de fumadores, toda a gente diz que se perdeu a alma, que era uma sala espectacular. Com a porcaria da lei do fumo... são os exageros, o não haver meio termo. Agora é o triste espectáculo de vir para a porta...E até os alunos, bastava haver aí uma área reservada, mesmo no jardim, cá fora...Não vinham para a rua – triste espectáculo! Conheço várias escolas em outros países em que fazem isso – é aquela área. Portanto, há leis estúpidas!</p>	CQ/ CC
<p>(Interrupção de 4 minutos. Telefonema)</p>	
<p>EU- Então só mais uma coisita. Em relação aos efeitos da avaliação interna. Primeiro, dos relatórios feitos o ano passado, tu aproveitaste alguma coisa em termos de gestão? A questão é - aquilo serviu e pode servir para alguma coisa?</p>	
<p>HD- Desses trabalhos eu não sei. Eu tiro algumas conclusões, mas se são desses, se são doutros, eu não faço ideia... Para já a escola tira muito de uma coisa que eu acho fundamental, que é dos resultados. Na divulgação constata-se que a partir de cima é feita, mas depois falha pelo caminho. É uma das coisas que tenho insistido que se deve melhorar. Em termos de Actividade, se bem que esteja organizada, deverá ser posto um controlo maior. Depois acho que a nível de organização, deve haver uma fase de sistematização de tudo o que temos. Isto se o Ministério nos deixar. Pronto, o meu primeiro mandato acho que serviu mais ou menos para levantar as questões; o segundo mandato, no 1º ano, comecei a fazer as coisas certinhas; os dois últimos anos, a senhora Ministra deu cabo da minha vida e deixou-me aqui... a mim e a todos! No meio desta guerra. Portanto, realmente os dois últimos anos não me deixaram satisfeita, por isso é que me vou embora!</p>	EO/ CAD
<p>EU- E em termos de autonomia...no fundo é disso que estamos a falar... que percepção tens? Onde</p>	



<p>é que isto vai dar?</p> <p>HD- Autonomia prende-se com uma coisa muito simples. Nós fazemos os contratos e as parcerias que queremos, quando queremos e como entendemos, desde que não envolva dinheiro. Nós temos parcerias com empresas “a dar com pau”, porque, não te esqueças, este ano colocámos 150-170 alunos em estágios.</p> <p>EU- Isso dá-vos autonomia por causa dos financiamentos, não dá?</p> <p>HD- Isso dá por um ligeiro motivo, porque os profissionais têm candidaturas próprias ao POPH, mas os alunos não têm as regalias que têm numa escola profissional. É óbvio! Mas dá-nos um conhecimento das empresas, uma facilidade de encontrar estágios, que poucos se poderão gabar de conseguir - numa cidade como Coimbra arranjar 150 estágios num ano!</p> <p>EU- Isso será também um indicador de qualidade, não é?</p> <p>HD- É muito bom, muito bom! Porque não é fácil e isto não é de agora. O meu filho mais novo tirou aqui um tecnológico e logo no 12º ano fez um estágio, porque quis, no ABILI – um estágio de Verão, antes de ir para a Universidade. Porque os estágios eram voluntários, ele quis, fizeram-se as diligências necessárias, o protocolo, o programa de estágio, um orientador de estágio aqui, um orientador lá...Ora isto faz-se todos os anos em grande quantidade. Portanto, temos um contACto com entidades bastante grande! Temos também a parte do Programa Leonardo – a colega agora saiu de lá, não sei como vai continuar – nós temos estágios no estrangeiro há mais de 20 anos. O meu filho também foi e esteve 3 semanas em Liverpool, a fazer um estágio de informática. Este ano os profissionais...agora... estes últimos anos que tivemos profissionais, com o Programa Leonardo mandamos os profissionais 6 semanas para parceiros que temos lá fora e que já são os mesmos há ene anos...</p> <p>EU- Vocês sabem bem aproveitar as portinhas que dão projecção...</p> <p>HD- Não temos muito jeito!...</p> <p>EU- Não era bem essa a palavra que queria; quando disse projecção é projecção dos alunos!...</p> <p>HD- Os alunos sabem, os alunos candidatam-se e os alunos são seleccionados - isso os que vão para o estrangeiro. Em vez de fazerem o estágio em empresas daqui, fazem lá. Mandámos este ano aí uns 20 ou 30, já nem sei. O que não sabemos, efectivamente não sabemos, é fazer divulgação exterior...</p> <p>EU- Será um ponto frACo...</p> <p>HD- Muito frACo! Mas o meu colega Saraiva tem muito jeito...</p> <p>EU- O Director?</p> <p>HD- Parece-me que sim...Ele já fez muitos artigos e tem jeito para isso. Mas eu não tenho jeito nenhum para isso e, portanto, muitas das coisas que nós fazemos ninguém sabe, porque nós não as divulgamos. Excepto se alguém as divulgar por si. Pomos na pasta e ACabou-se. Se alguém manda...Há o Desporto Escolar, o Clube de Teatro, o Clube de Robótica, que tem feito aí um sucesso</p>	<p>CE</p> <p>CE</p> <p>CE</p> <p>CQ</p> <p>CQ</p> <p>CQ</p> <p>CQ</p> <p>CE/ CQ</p> <p>CC</p> <p>CC</p> <p>CC</p> <p>CC</p>
--	---

<p>nos concursos...</p>	
<p>EU- Bom, então agora diz-me lá o que te deixa mais saudades...</p>	CAD
<p>HD- Neste momento, nada! Daqui a uns meses logo se vê! Às vezes nem me dá vontade de entrar na porta... Mas foram estes dois anos! Foi a maldita Ministra... Eu fiquei com um pó perfeitamente doentio a estes senhores...</p>	
<p>EU- E AChas que isto terá também efeitos nefastos na escola e no caminho que vai levar?</p>	RSI
<p>HD- Tenho esperanças que a 27 de Setembro as coisas mudem. Tenho esperanças!</p>	
<p>EU- Portanto, para ti, o problema está todo em cima, não está dentro da escola...</p>	
<p>HD- Não, também está dentro da escola, é evidente! Mas uma das coisas que marcou pesadamente o ambiente global e a boa vontade foi esse. Porque isto efectivamente, quem é bom é bom, a generalidade é bom; há meia dúzia de maus, como em todo o lado e excepcionais... Não é este tipo de avaliações que fazem seja o que for. Haverá outros, não sei, também não me preocupei muito com isso, excepto dizer que este não serve.</p>	CAD
<p>EU- Fazendo de advogada do diabo - nós temos o hábito de dizer que o que faz a diferença é esse voluntarismo dos professores e tudo isto foi muito sAcudido, muito violento, porque os professores não querem ser mandados, não querem ser controlados; é aquilo do tal profissionalismo autónomo, do professor fazer o que lhe parece. As coisas colocadas assim, também não parece correcto, não é?</p>	PR
<p>HD- Também nunca foi assim! Regras sempre houve! Agora leis a sair em catadupa, dia após dia, dia após dia, mal feitas, em que uma pessoa nem as consegue ler e interpretar – não sei onde está a qualidade dos artistas que as fazem! - assim não há regime, assim não há estrutura educativa que resulte. Ou se começa por onde se deve começar e é logo pensar na lei de bases, nos currículos... e os processos de avaliação serem feitos de uma maneira que não envolvam tanto papel, tanta chatice... Foi um horror. Portanto, ou mudam, ou as escolas mudam para pior, porque escolas com esta dimensão – não estou a falar de escolas de 100 ou 150 alunos – mas escolas destas... Quem não está de gosto no seu trabalho também não é produtivo!</p>	PR